

Apontamentos sobre poluição semiótica: infraestrutura da desinformação, junk news e estranheza infraestrutural¹

Ronaldo HENN²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O trabalho articula conceitos como o de infraestrutura da desinformação, junk news e estranheza informacional, na perspectiva de se compreender as materialidades em que se processam as semioses da mentira e do ódio. Tratam-se de ecossistemas com múltiplas camadas e plataformas, que terminam por produzir ruído semiótico, que se consubstancia em verdadeiros lixões semiosféricos. As junk news proliferam-se por transmissão e transformação, dinâmicas sustentadas pela economia da atenção. Configuram-se através das capacidades de mediação das infraestruturas digitais, que dão origem a efeitos estranhos, provocando incerteza e preocupação.

PALAVRAS-CHAVE: desinformação; junk news; estranheza infraestrutural; poluição semiótica.

Introdução

O objetivo deste trabalho é o de articular conceitos que podem auxiliar na compreensão das materialidades em que se processam o que se entende como “semioses da mentira e do ódio”. Parte-se do princípio de que existe uma infraestrutura ecossistêmica interconectada, que viabiliza a geração e processamento de signos que atendem a lógicas acontecimentais de outra natureza, cujos desdobramentos são a produção de ruídos semióticos. Trabalha-se, neste sentido, com a constatação de existência de uma infraestrutura da desinformação (Paschetto, et. al., 2022; Santos Júnior, 2021), que viabiliza o consumo e propagação de junk news (Venturini, 2019) e sedimenta uma estranheza infraestrutural (Gray, Bonegru e Venturini, 2020).

Infraestrutura da desinformação

A infraestrutura da desinformação se constitui através de ecossistema multifacetado que interconecta tecnologias suscetíveis à moderação com outras mais permissivas, sobretudo quanto as manifestações irrestritas de extremistas (Santos Júnior,

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor/pesquisador do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos. Bolsista de Produtividade e Pesquisa do CNPq, nível 2.

2021). As *affordances* destas ferramentas privadas facilitam o espalhamento de teorias conspiratórias e permitem o compartilhamento de links provenientes de redes com moderação ativa. Exemplos destas dinâmicas estão nos aplicativos e fóruns dos movimentos alt-tech, de extrema direita, como Gab, Parler, Haetron e Pew Tube. Eles reúnem um conjunto de táticas que envolvem múltiplas plataformas, cuja consequência é a poluição informacional: semioses que se degradam no processo e formam uma espécie de “lixão semiosférico”.

Ao compreenderem o fenômeno QAnon, não só como uma instância produtora de teorias da conspiração, mas como um movimento de pesquisa com práticas epistêmicas específicas (que se notabilizam pela produção de fatos paralelos que geram ruídos em evidências estabelecidas), Pasquetto et al (2022) investigaram as afiliadas do movimento na Itália como designers e usuários de uma “infraestrutura de (des)informação distribuída”. Os pesquisadores lembram que Acadêmicos do CSCW e áreas afins há muito estudam o projeto e a manutenção de infraestruturas de informação no contexto de empreendimentos científicos, sob a argumentação de que tais infraestruturas são essenciais para a organização e sustentabilidade do trabalho científico atual. Em paralelo, os autores constataram que a infraestrutura criada pelo QAnon, além de similar, é central para o seu trabalho como agente de desinformação. Os influenciadores/designers italianos deste movimento projetaram uma infraestrutura de desinformação distribuída, composta de diversas camadas que abrange múltiplas plataformas, sites, base de dados, agregadores, ferramentas, fóruns e canais de mídia alternativos. Através disso, criam-se novas ferramentas e sistemas de produção de sentidos devidamente distribuídos e sustentáveis ao longo do tempo. Conforme sustenta Pasquetto et. al. (2022), uma vez que a infraestrutura esteja instalada e seus usuários tenham adotado com sucesso suas práticas e rotinas diárias, há poucas operações como a deplataformização e o shadowing, que se possam fazer para erradicá-la. As plataformas, desse modo, funcionam como trampolins para a infraestrutura da desinformação (Santos Júnior, 2021).

Junk news

Essa perspectiva alinha-se com o conceito de junk news proposto por Venturini (2019). Para esse autor, a noção de fake news é enganosa na medida em que supõe que notícias maliciosas são fabricadas, enquanto as confiáveis corresponderiam diretamente à realidade, fenômeno que negaria a própria essência da mediação jornalística. Neste sentido, defende que é a propagação, e não a falsidade, a marca de nascença destes

conteúdos que deveriam ser chamados, no seu entendimento, de “notícias virais” ou mais apropriadamente de junk news, pois, tal como a junk food, são consumidas em abundância em função dos seus ingredientes viciantes. Para Venturini (2019), desviar a atenção da falsidade para a difusão não menospreza a sua influência. Muito pelo contrário. Esse foco sugere que tais conteúdos são ainda mais perigosos na medida em que não podem ser neutralizados, mesmo que desmascarados. Nesta proposta, as junk news são perigosas, não porque sejam falsas, mas porque saturam o debate público, deixando pouco espaço para outras discussões, reduzindo a riqueza do processo argumentativo e impedindo que histórias mais importantes sejam ouvidas.

As junk news proliferam-se por transmissão e transformação, dinâmicas sustentadas pela *economia da atenção* (Terranova, 2012), decorrente da aprimoração dos processos de invenção e imitação. Segundo Venturini (2019), embora a viralidade coletiva seja uma dimensão constante e essencial da existência social, a junk news constitui fenômeno relativamente novo, porque só recentemente a viralidade se tornou objeto de um sistema complexo dedicado à sua produção e circulação. Tal sistema é eficaz (ao mesmo tempo difícil de ser submetido à regulamentação) porque reúne desenvolvimentos que são simultaneamente econômico (para ser vendida, a atenção precisa ser comercializada), comunicacional (circulação de mensagens que não são apenas fixas, mas, sobretudo, propagáveis, ou seja, concebidas para serem divulgadas e produzirem algum nível de envolvimento), tecnológico (as plataformas de redes sociais não apenas prepararam o terreno para junk news, mas também criaram um sistema tecnológico para alimentá-las, através de uma série de técnicas que visam maximizar o trabalho do público), cultural (fenômeno das microcelebridades e da emergência de subculturas orientadas para a viralidade) e político (estratégias de trollagem que geram controvérsias inúteis). Por todas essas articulações, as junk news configuram uma forma de política de dados.

Estranheza infraestrutural

Esse cenário vincula-se ao que Gray, Bonegru e Venturini (2020) chamam de *estranheza infraestrutural* (*infrastructural uncanny*). A produção de junk news, em qualquer época, envolveria intervenções em torno de arranjos sociotécnicos específicos, através dos quais as notícias são disponibilizadas aos seus leitores, que podem ser entendidas como infraestruturas. Se, no passado, esses arranjos dependiam da maquinaria de impressão, composição tipográfica e fornecimentos de papel, entre outros fatores, os

processos digitais potencializam dinâmicas de clonagem ao ponto de as infraestruturas que sustentam sua circulação serem indistinguíveis das originais. A estranheza infraestrutural forma-se pelas capacidades de mediação das infraestruturas digitais – para medir, quantificar, ordenar e reunir – que dão origem a efeitos estranhos (no caso das fake news), provocando incerteza e preocupação.

O caso das junk news sugere que são, em parte, as capacidades de agência das infraestruturas digitais para configurar, multiplicar e redistribuir hábitos e relações de formas inesperadas que geram ambiguidades perturbadoras. As mesmas plataformas e infraestruturas que foram celebradas por alargar o acesso e o envolvimento na produção de conteúdos tornaram-se agentes de *desordem informacional* (Wardle e Derakhshan, 2017).

A estranheza infraestrutural manifesta-se quando o papel dos dispositivos sociotécnicos na coprodução de valor, envolvimento, audiência e relações sociais se torna perturbador e gera ambiguidades tais que a forma como a agência é distribuída se torna difícil de desembaraçar. Por exemplo, as infraestruturas para metrificar o envolvimento podem não deixar claro se os gostos ou as publicações de junk news são o resultado de bots, algoritmos, propagadores pagos, empreendedores remotos ou ativistas políticos de base. As ambiguidades de agência associadas à estranheza infraestrutural podem proporcionar oportunidades para formas alternativas de contabilizar e responder a fenômenos preocupantes nas sociedades digitais.

Considerações

O volume de desinformação em torno da propagação da Covid 19 fez com que OMS cunhasse o termo infodemia, noção também alinhada a uma perspectiva infraestrutural. Neste sentido, a infodemia não se restringe ao que se entende como desinformação ou má informação, mas a tudo o que se processa no ecossistema de informações. Segundo Briand et al. (2023), esse ecossistema refere-se à infraestrutura, fontes e relacionamentos complexos e dinâmicos por meio dos quais as informações fluem e chegam a um indivíduo. Ele inclui os ambientes digitais e físicos, que são influenciados pelas interações com o sistema de saúde. Ao mesmo tempo, está relacionado com a dinâmica social, comportamentos de saúde e comportamentos que direcionam a busca de informação.

Briand et al. (2023) entendem que a pandemia de COVID-19 apresentou um exemplo inigualável de infodemia. Durante o seu curso, a geração de evidências e

informações científicas aumentou e foi amplamente distribuída tanto em versões preprint quanto as de publicação definitiva, o que dificultou a avaliação delas. Com a profusão de especialistas e cientistas expondo pontos de vista e opiniões, fomentaram-se discursos polarizados em torno de muitos assuntos pertinentes, tanto online quanto offline. Dinâmica essa acompanhada por cobertura midiática, com seus enquadramentos e potenciais sensacionalismos. Para os autores, informações confiáveis sobre saúde foram “perdidas no ruído” e, em muitos cenários, as questões e preocupações de indivíduos e comunidades não foram abordadas, criando mais espaço para rumores e mitos. Esse entendimento alinha-se com as noções de infraestrutura da desinformação, estranheza infraestrutural e junk news, que formam a base material para semioses dissonantes e ruidosas.

REFERÊNCIAS

- BRIAND, S. et al. Infodemic Management in the Twenty-First Century. In PURNAT, T. et al. **Managing Infodemics in the 21st Century**. Addressing New Public Health Challenges in the Information Ecosystem. Cham: Springer/WHO. 2023. P.p. 1-16. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-031-27789-4>. Acesso em 03 ago. 2023.
- GRAY, J.; BOUNEGRU, L.; VENTURINI, T. ‘Fake News’ as Infrastructural Uncanny. **New media & Society**. 22.2: 317 – 341, 2020. Print. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444819856912>. Acesso em: 08 fev. 2024.
- SANTOS JÚNIOR, M. A. Clones do YouTube: replataformização da irrealidade e infraestruturas de desinformação sobre a Covid-19. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. 23(2):140-159 maio/agosto 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22577>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- PASQUETTO, I. et. al. Disinformation as Infrastructure: Making and maintaining the QAnon conspiracy on Italian digital media. **Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction**. V. 6. Issue CSCW1, Article N.: 84, pp 1–3. 2022. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3512931#sec-terms>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- TERRANOVA, T. Attention, Economy and the Brain. **Culture Machine** 13: 1–19. 2012.
- VENTURINI, T. From Fake to Junk News, the Data Politics of Online Virality. In BIGO, D; ISIN, E; RUPPERT, E. (Eds.), **Data Politics: Worlds, Subjects, Rights**. London: Routledge, 2019.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. **Strasbourg: Concil of Europe**, 2017.